

"Começou a aventura moderna" in Diário Popular (12 Junho 1985)

Source: Hemeroteca Municipal de Lisboa, Lisboa, R. São Pedro de Alcântara, n.º 3 - 1250-237 Lisboa (Portugal).

Diário Popular. 12.06.1985, n.º 14714 - Ano 43. Lisbonne.

Copyright: (c) Diário Popular

URL: [http://www.cvce.eu/obj/"comecou_a_aventura_moderna"_in_diario_popular_12_junho_1985-pt-ef3a84f4-4263-40ee-ad9b-e46abde7aa39.html](http://www.cvce.eu/obj/)

Publication date: 19/09/2012

Jerónimos foram palco da adesão à CEE

Começou a aventura moderna

João Paulo de Oliveira (texto) e **Eurico Vasconcelos** (fotos)

Nos claustros imponentes dos Jerónimos, a preceito engalanados, que proclamam a aventura do mar, Portugal atreveu-se hoje à aventura da terra, sumido o Império, reposta a Pátria nas suas dimensões medievais.

Sem o acicate do desconhecido e sem o desígnio da conquista, esta aventura moderna perde no confronto com a temeridade de Quinhentos; e a circunstância de, mercê do progressivo abatimento de fronteiras que a História vem impondo ao capital e ao trabalho, o País estar integrado na Europa, em termos económicos relevantes, pelo menos há três décadas, rouba também a este dia marcante a emoção de uma estrela absoluta.

O acto que hoje se cumpriu nos Jerónimos, com a austera solenidade exigida pela sóbria grandeza do local, reduz-se, pois, em apreciável medida, à formalização de uma pertença, sancionada desde as origens do processo histórico europeu.

Nem por isso, todavia, é o acto menos significativo, porque é condicionante do nosso futuro colectivo. E se à aventura da terra em finais do século XX falta o sal dos Adamastores e a pimenta de virgindades dormindo expectantes, em seu lugar vigorando o cálculo, ela contém, mau grado o «dejá vu», quanto basta de fluidez e de incerteza para a tornar, fora os amores e os ódios que suscita, tema de inquietações legítimas, porque sensatas, e anúncio de portentosos desafios, envolvendo os frutos da união.

A qualidade dos acontecimentos históricos comporta a impossibilidade da indiferença. É-se a favor ou contra a integração na CEE; não se pode ignorar que o futuro de Portugal recomeça hoje, luminoso ou turvo, conforme as vistas. Conhecem-se as dificuldades e os perigos, não se desconhecem as virtudes da adesão, questionável é a opção estratégica. Gesto desencadeador de tantas paixões, de tantos medos e de tantas esperanças, a entrada na Comunidade Económica Europeia consagra o dia 12 de Junho de 1985 como de perene e decisivo significado para Portugal e para a Europa.

Discreta solenidade

Doze eram as bandeiras hasteadas nos claustros dos Jerónimos, debruados com orquídeas, prúteas, estrelícias e agapantes, vindas expressamente da Madeira, e cobertos por amplo e discreto toldo branco que abrigava quarenta e dois dirigentes dos países da CEE e das estruturas comunitárias, sentados em cadeirões antigos, dourados e brancos, mais cerca de quinhentos convidados — membros do Governo, embaixadores, antigos governantes, líderes partidários, altas patentes e figuras da Igreja.

O horário da cerimónia foi rigorosamente cumprido, quem sabe num prenúncio da pontualidade reinante na generalidade da Europa («nacionalistas», as funcionárias dos telefones para a Imprensa faziam o troco da bolsinha particular), e a segurança, não sendo ostensiva, viu-se (não o suficiente, todavia, para que um táxi com turistas tivesse barrado o caminho à Torre de Belém, onde decorreu a recepção aos ministros estrangeiros; os turistas ultrapassaram displicentemente todas as barreiras).

Depois de uma curta saudação de Mário Soares, agradecendo a presença dos convidados, usaram da palavra, como noutra local relatamos, Bettino Craxi, Giulio Andreotti e Jacques Delors, a anteceder a assinatura do tratado. Nomeados pelo chefe do protocolo do Estado, os plenipotenciários dos Dez, além da Espanha e de Portugal, firmaram o extenso documento de mais de mil páginas por que hão-de reger-se as nossas relações com a CEE, incluindo o Tratado de Roma, que institui o Mercado Comum, e um preâmbulo no qual os doze chefes de Estado da Europa Comunitária reafirmam os objectivos que, em 1957, presidiram à criação da CEE.

A chamada dos plenipotenciários espanhóis e portugueses, chefiados por Felipe González e Mário Soares, foi saudada com aplausos pelos presentes. A encerrar a cerimónia, que durou cerca de cinquenta minutos, o primeiro-ministro português pronunciou o discurso que noutra local referimos e que os convidados sublinharam com prolongada ovação.

À hora a que encerramos esta edição, Mário Soares oferece, também nos claustros do Mosteiro dos Jerónimos, um almoço em honra das personalidades nacionais e estrangeiras que testemunharam o acto, depois de, em Belém, terem sido recebidas pelo Presidente da República.

Pouco faltava para as onze horas quando os Jerónimos tornaram à calma monacal. No exterior, empregados da Messa recordavam, ferindo com propriedade a festa, que têm salários em atraso, perguntando se isso é coisa que se integre na CEE. Não é. Outros contributos espera de nós a Europa, que não o de pragas incivilizadas.